

O IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL NO MERCADO DE SAÚDE SUPLEMENTAR

José Cechin

SALLUS 2009

Fortaleza 26-27 março 2009

Impacto da crise no Brasil

Impacto da financeira internacional no mercado brasileiro,
sua influência no índice de desemprego,
na política de benefícios das empresas,
no financiamento do benefício saúde,
na aquisição de máquinas, produtos e serviços importados

Agenda

1. Crise e saúde
2. Origens da crise financeira
3. Propagação pela economia e pelo mundo - impactos econômico-sociais
4. A travessia do Atlântico - marolinha e tsunami
 1. Atividade, Emprego, Salários
 2. SUS
 3. Planos de saúde

1. SAÚDE NA CRISE

- Crise não é amiga da saúde
stress – infartos, stents, check ups
imunidade - reanimação de doenças
busca maior de assistência

- Aumento de Despesas
 - limitado pelas rendas menores
 - queda da demanda em hospitais

- Desvalorização cambial

- Receitas das Operadoras caem ou estagnam
 - Crescimento lento ou recessão
 - Desemprego, menores reajustes salariais e rotatividade com menores salários

- Aumenta a relação Despesas Assistenciais sobre Receitas (sinistralidade)

- Empregadores enfrentam maiores dificuldades financeiras e endurecem negociações.

2. CRISE FINANCEIRA

origens

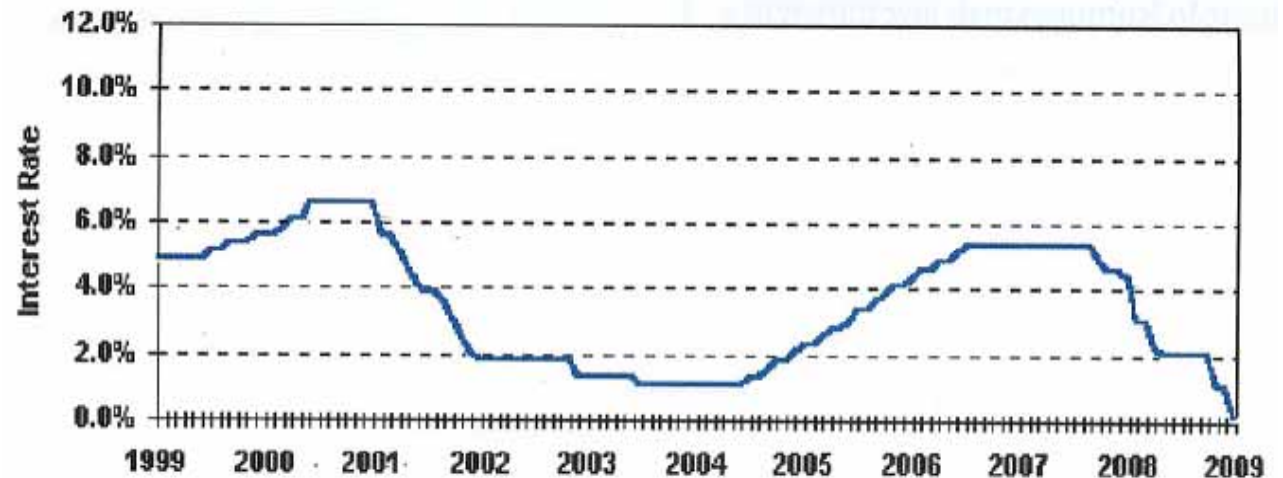
➤ Tsunami financeira:

- Iniciada por inadimplência nas hipotecas nos US e irradiada para a economia americana e para o mundo
 - Falências de bancos e instituições financeiras
 - Empresas em dificuldade
- Reação
 - Ações concertadas de governos – liquidez e solvência
 - Resolvida?
 - Avaliar extensão dos estragos

Origens da crise

➤ Origens:

- Juros e inflação baixos e crescimento alto e prolongado
- Alta liquidez
- Regulação insuficiente
- Conectividade



Veículo da crise - crédito imobiliário

- Preço dos imóveis dispararam a partir de finais dos anos 90
 - produto da exuberância econômica, inflação e juros baixos, liquidez, crédito farto e barato e da política do Governo – estímulos para sem teto adquirirem casa própria, com garantias prestadas por agências públicas
- Volume de crédito hipotecário alcançou US\$ 12 trilhões
- Crédito com pequena entrada e prestações iniciais baixas
- Valorização viabilizava o refinanciamento
 - Hipoteca maior
 - Quitava financiamento anterior e sobrava para consumo
 - Prestações continuavam baixas

- Papel do Banco muda de emprestador para originador e distribuidor mediante comissão
 - Banco perde interesse na avaliação do risco tomador
 - Risco fica diluído entre muitos investidores
 - Distanciamento entre devedores e credores
 - Ausência de supervisão e controle:
 - Multiplica alavancagem e capacidade de gerar ativos
 - Assunção de riscos além do limite prudencial
 - Errônea percepção de risco - calculado pela média histórica (baixo em épocas prolongadas de exuberância econômica)

➤ Negócio tão bom foi expandido para tomadores subprime

- Triplicou sua participação nas hipotecas de 8,6% em 2001 para 20% em 2006
- Aumentou a taxa de securitização dos subprimes de metade em 2001 para 81% em 2006

A quebra

- Início da ruína com fim da subida dos preços dos imóveis – em 2006
- Custo de ter excedeu o de alugar, indicando sobrevalorização
- Mutuários perderam a capacidade de refinanciar, prestações subiram e inadimplência também
- Juros subiram, hipotecas encareceram e captação ficou mais cara
- AIG ago/07 avisou que detinha 400 bilhões em títulos desvalorizados
- BNP nesse mês congelou bilhões alegando inadimplência de subprime
- Investidores suspenderam compras e resgataram títulos
- Saques bilionários dos bancos – pânico, crise de liquidez e solvência;
- Falência do Lehman Brothers - quebra de confiança

3. PROPAGAÇÃO E EFEITOS ECONÔMICO-SOCIAIS

Propagação mundial de crise

- Quebra do Lehman Brothers – pânico e corrida a bancos
- Queda do valor dos ativos – bolsas de valores
- Retorno de aplicações no exterior - câmbio
- Cessaçãõ abrupta do crédito
- Queda vertiginosa do comércio internacional
- Queda na atividade econômica e desemprego
- Bancos ao redor do Mundo carregados com ativos subprime.

Medidas de Governos

- Evitar mais quebras com
 - injeções maciças (trilionárias) de recursos
 - compra de ativos lastreados em hipotecas
 - participação acionária dos Tesouros em bancos e empresas
 - aquisição pelo FED de títulos do Tesouro
- Baixar juros para reativar crédito, reanimar consumo e sustentar atividade (perto de zero)
- Ampliar gastos estatais, especialmente investimentos, para sustentar demanda – ampliação do déficit orçamentário
- Estatização e protecionismo?
- Efeitos futuros do déficit orçamentário?

Não obstante as medidas de Governos da OECD, a economia entrou em recessão.

PIB em 2008

	3º tri.	4º tri.
US	-0,2	-1,5
Ja	-0,6	-3,3
Euro	-0,2	-1,5
OECD	-0,2	-1,5

A maior em 34 anos

*A maior das estatísticas
OECD 1960*

Fonte: OECD Quarterly National Accounts. março 2009.

Ociosidade da indústria dos EUA é a maior em 42 anos

FSP
17 Fev 09

DA REDAÇÃO

A produção industrial dos EUA recuou pelo quarto mês consecutivo, com a queda nas exportações e crise nas montadoras, e o nível de utilização das fábricas chegou ao menor nível em ao menos 42 anos.

Já a produção industrial caiu 1,4% em fevereiro, depois de se retrair em 1,9% em janeiro, acumulando quatro meses consecutivos de queda. A produção da indústria americana está no menor nível desde 1982. No pe-

incipiou o levantamento em

ríodo de 12 meses encerrado em fevereiro, a produção caiu 11,2 pontos percentuais, a maior queda em 34 anos.

Os dados da indústria americana são um reflexo de que crise atinge todo o mundo, com os consumidores cortando gastos e os bancos dificultando o acesso ao crédito. Com isso, as exportações estão caindo em praticamente todas as grandes economias globais.

Crise afeta desemprego em países de forma diferente

*US: desde dezembro/07, 3,6 milhões perderam emprego
taxa de desemprego: de 2.3% para 7.2%,
em dezembro/08 mais de 500,000 empregos foram perdidos.*

Euro: de 7,2% para 7,8% entre novembro/07 e 08.

Irlanda: de 4.7% a 7.9% em 2008

Espanha: de 8.6% para 13.4% em 2008.

Fonte: OECD March 2009.

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2008
dinheiro B7

Desemprego no Reino Unido
atinge o maior nível desde 1997

Exportação chinesa caiu 25,7%

Queda das vendas externas bateu recorde em fevereiro

ESP - 10 Março 2009

Cláudia Trevisan
CORRESPONDENTE
PEQUIM

As exportações chinesas tiveram queda recorde em fevereiro, o que reduziu o superávit comercial do país com o restante do mundo ao menor nível dos últimos três anos. Os sinais de desaquecimento da economia, que apresentou queda de preços em fevereiro, foram contrabalançados pela alta de 26,5% dos investimentos nos dois primeiros meses do ano.

Atingidos pela retração nos principais mercados do mundo, os embarques chineses despencaram 25,7% em relação a igual período de 2008, para US\$ 64,9 bilhões. O recuo foi bem mais acentuado do que o esperado por analistas e superou a queda de 17,5% de janeiro, mês em que o comércio sofreu a maior parte do impacto negativo do feriado do Ano-Novo chinês.

Depois de caírem 43% em janeiro, as importações amenizaram sua trajetória descendente e apresentaram queda de 24,1% em fevereiro, para US\$ 60 bi-

NÚMEROS

US\$ 64,9 bilhões

foi o total das exportações chinesas em fevereiro

US\$ 60 bilhões

foi o total das importações da China, no mesmo mês

24,1%

foi a queda das importações no mês

lhões, o que reduziu o superávit comercial chinês a US\$ 4,9 bilhões - um oitavo dos US\$ 39 bilhões de janeiro.

Enquanto o comércio exterior sofreu o impacto da recessão global, os investimentos em ativos fixos aumentaram em reação ao pacote de estímulo de 4 trilhões de yuans (US\$ 585 bilhões) anunciado pelo governo em novembro. A alta de 26,5% de fevereiro é ligeiramente superior aos 26,1% de todo o ano passado, quando a China cresceu 9%.

De acordo com dados divulgados ontem, nos dois primeiros meses do ano houve gastos de

US\$ 150 bilhões em obras como ferrovias, estradas, fábricas e edifícios.

Projetos de infraestrutura foram os que apresentaram as maiores altas no volume de investimentos. Os recursos na construção de ferrovias, por exemplo, subiram 210% nos primeiros dois meses do ano, enquanto os destinados ao setor agrícola dobraram e os aplicados na mineração de carvão tiveram alta de 60%.

Para a economista-chefe do banco UBS na China, Wang Tao, o aumento de investimentos em infraestrutura vai compensar a queda de investimentos no setor produtivo para exportação.

Outro fator que pode estimular a atividade econômica é o salto no volume de financiamentos concedidos pelo setor bancário nos últimos três meses, a maior parte destinada a investimentos. Segundo o Escritório Nacional de Estatísticas, o número de projetos em andamento subiu 28% no primeiro bimestre, para um total de 18,5 mil. ●

Exportações Chinesas

Jan09/jan08	fev09/fev08
- 43%	-25,7%

B18 | ECONOMIA | QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2009
O ESTADO DE S. PAULO

COMÉRCIO EXTERIOR

Explode o déficit do crédito de exportação

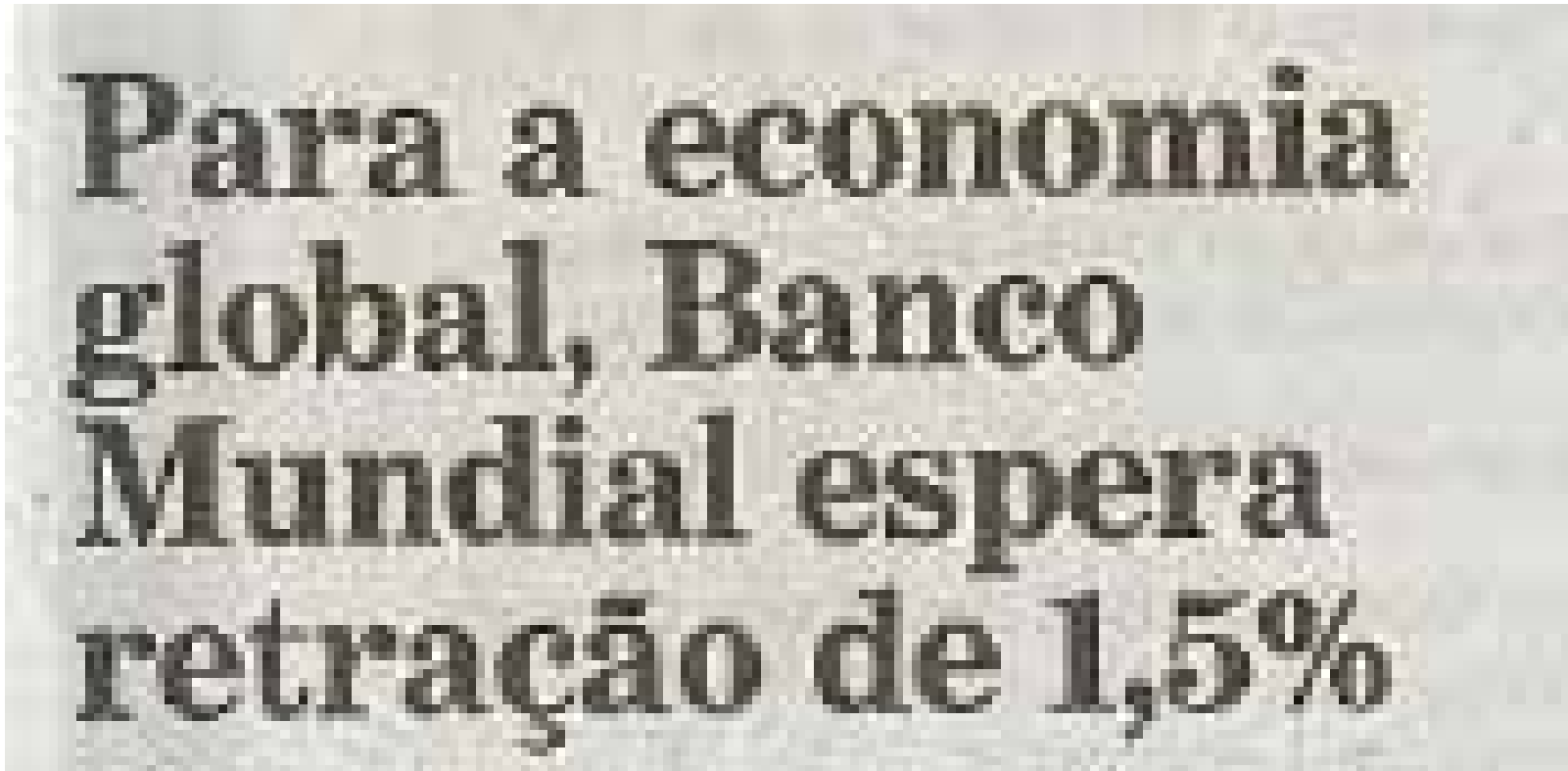
Buraco no financiamento do comércio global atinge US\$ 100 bi

Jamil Chade

CORRESPONDENTE
GENEVA

A falta de créditos está sendo apontada com uma das causas para a queda das exportações. Projeções indicam que o comércio vai perder 10% em volume em 2009. Segundo especialistas, os emergentes estão entre os mais afetados e podem sofrer impacto ainda maior nas vendas nos próximos meses.

Todas as regiões estão sofrendo quedas bruscas na exportação. A projeção do Escritório de Análise Econômica da Holanda é de que a queda no Brasil seja de pelo menos 11% no ano, em volume.



Para a economia global, Banco Mundial espera retração de 1,5%

A maior em 80 anos

B14 | ECONOMIA | QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2009
O ESTADO DE S.PAULO

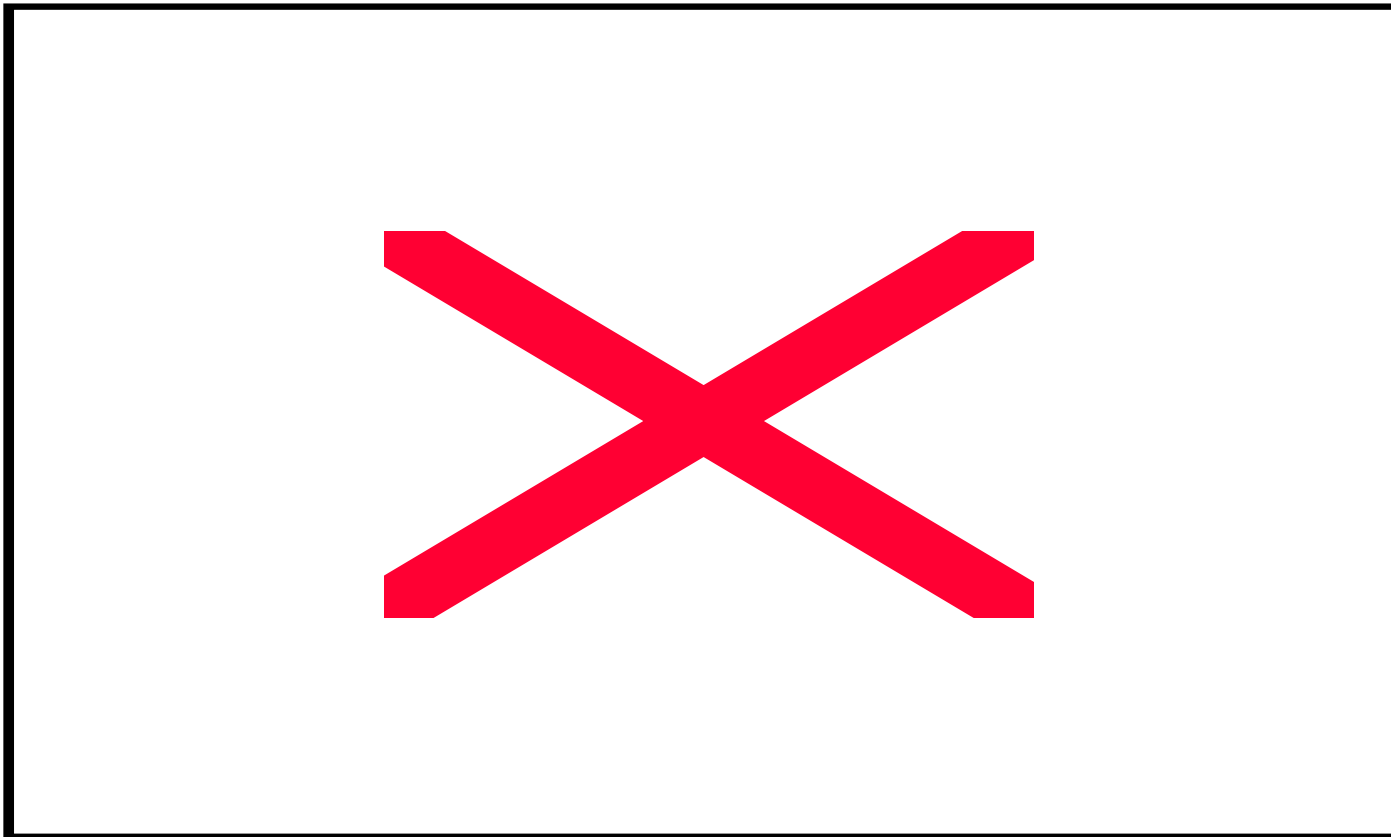
INTERNACIONAL

Bird reduz projeção do PIB chinês

Banco Mundial baixa previsão de
crescimento de 7,5% para 6,5%

*Investimento infra-estrutura
jan-fev 09 = US\$ 150 bi*

Advanced Economies to Contract Sharply in 09, Upturn Next Year--IMF



Fonte: IMF Survey online - March 19, 2009

How much will unemployment rise in the coming months?

OECD estima o desemprego cresça durante os próximos 18 meses, atingindo o pico de 7,3% no segundo trimestre de 2010.

OIT estima que a crise vai desempregar 20 milhões de pessoas em 2008 e 2009.

Fonte: OECD March 2009.

- Crise financeira equacionada?
- Retração do PIB mundial tem conseqüências econômico-sociais
 - Desemprego galopante
 - Rendas em retração
 - Acirramento de movimentos sociais
- Retomada e quando?
 - Dependente de equacionamento do problema financeiro e restabelecimento do crédito e confiança
 - Não se sabe que esqueletos ainda podem estar nas instituições financeiras e empresas

4. A TRAVESIA DO ATLÂNTICO

Marolinha ou tsunami?

- Visão oficial inicial: marolinha
- Crise percebida nos mercados depois da quebra do Lehman Brothers.
- Propagação via contração abrupta do crédito externo de todos os tipos
 - Refluxo de recursos
 - Forte desvalorização do Real
 - Queda das exportações
 - Queda dos preços da commodities
- Sem crédito, atividade se contrai, PIB cai, desocupação aumenta

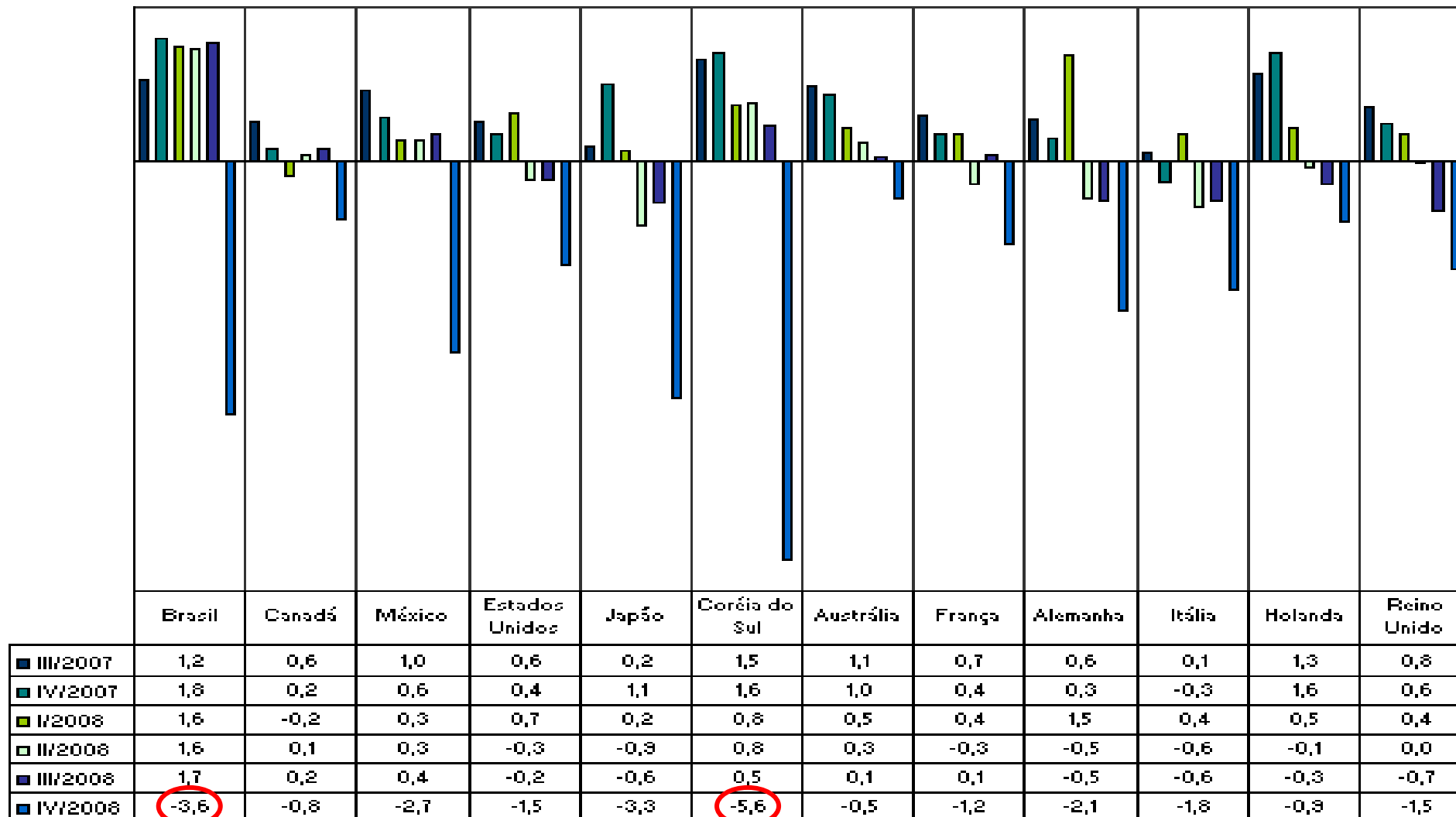
- Sem ativos tóxicos, saneados com PROER e PROES
- Competitivos e de porte mundial
- Reação imediata - fechar torneiras do crédito
- Sem crédito, as empresas
 - paralisaram a produção
 - cortaram horas extras
 - desovaram estoques
 - anteciparam férias coletivas
 - demitiram

- Usou reservas para irrigar câmbio
 - Venda de dólares
 - Crédito comercial a exportadores
- Flexibilizou compulsórios para aumentar liquidez e crédito
- Reduziu juros
- MP autorizou Bancos oficiais a adquirirem bancos
- Flexibilizou tributação para bancos (superávit de fundos de pensão)
- Reduziu IPI de veículos
- Alívios tributários marginais: prazo, redução de IR e IOF
- Aumentos de gastos (?)

As medidas seguraram a marolinha?

PIB Brasil - uma das maiores quedas

Países Selecionados - PIB Trimestral
Variação % em Relação ao Trimestre Anterior (Com Ajuste Sazonal)



Fonte: IBGE para o Brasil e OCDE, Quarterly National Accounts Database. Carta IEDI 354.

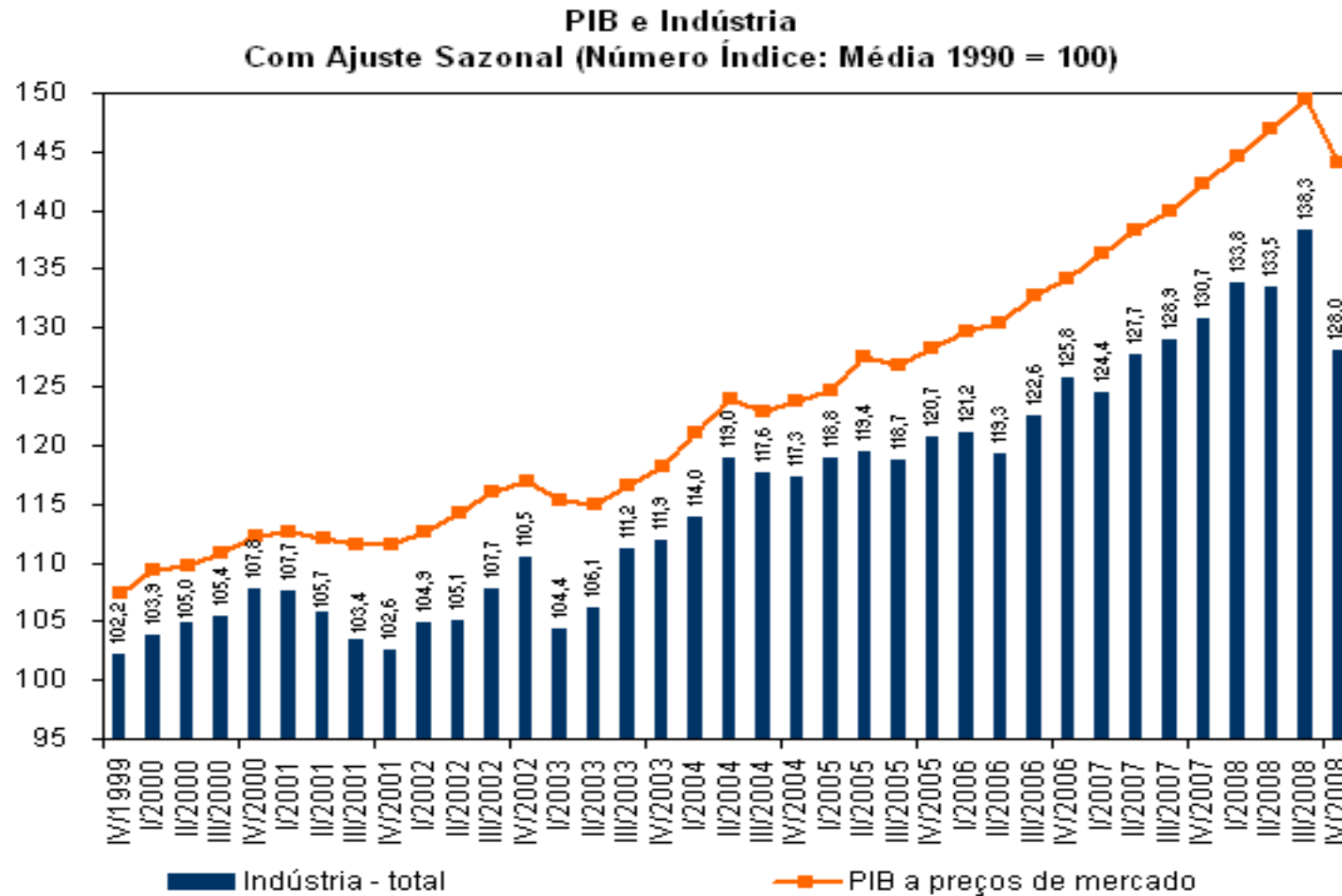
PIB - variação trimestral

Taxa Trimestre Contra Trimestre Imediatamente Anterior (com ajuste sazonal - %) Dados preliminares - 4º Trimestre de 2008

Setor de atividade	2007.IV	2008.I	2008.II	2008.III	2008.IV
Agropecuária	2,4	(-) 1,3	3,0	1,3	(-) 0,5
Indústria	1,4	2,4	(-) 0,2	3,6	(-) 7,4
Serviços	2,7	1,4	0,9	0,8	(-) 0,4
Valor adic.a preços básicos	2,1	1,3	1,2	1,5	(-) 2,7
PIB a preços de mercado	1,8	1,6	1,6	1,7	(-) 3,6
Consumo das famílias	2,7	1,5	0,7	2,1	(-) 2,0
Consumo do governo	0,6	4,1	(-) 0,2	1,6	0,5
Formação bruta capital fixo	3,8	2,8	3,4	8,4	(-) 9,8
Exportação	6,1	(-) 6,2	3,9	(-) 1,4	(-) 2,9
Importação (-)	5,5	1,3	8,6	6,4	(-) 8,2

Fonte: IBGE

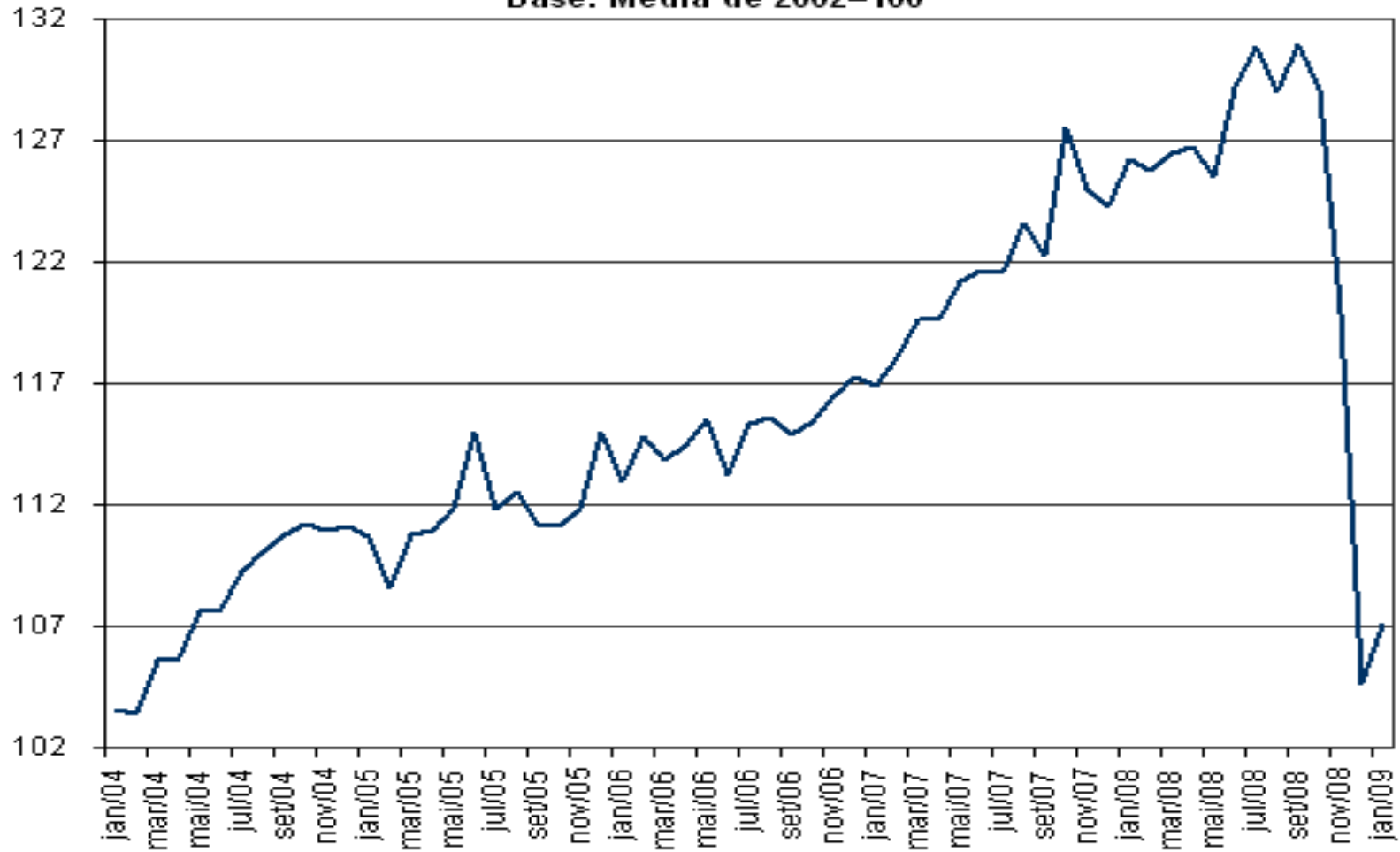
PIB industrial – a maior queda desde 1991



Fonte: IBGE – Contas Nacionais – Série Encadeada do Índice Trimestral. Elaboração Própria.

Produção industrial

Evolução da Produção Física Industrial com Ajuste Sazonal
Base: Média de 2002=100



Fonte: Carta IEDI 353 IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

Fim da crise?

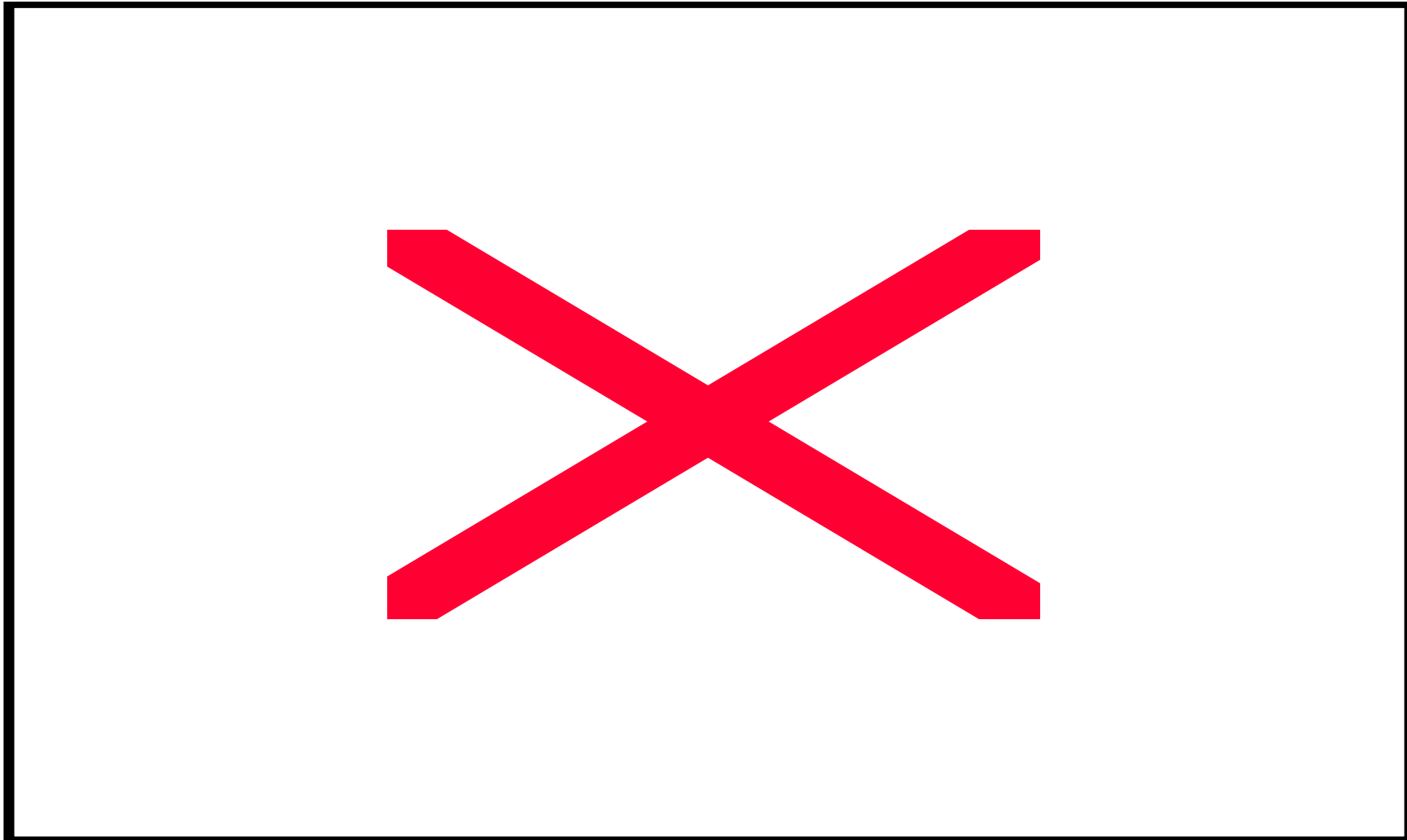
Indicadores Conjunturais da Indústria em Janeiro de 2009

Segmentos	Variação %			
	Jan09/Dez08 (com ajuste)	Jan09/Jan08	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 Meses
Classe de Indústria				
Indústria Geral	2,3	-17,2	-17,2	1,0
Indústria Extrativa Mineral	1,4	-18,4	-18,4	1,6
Indústria de Transformação	2,2	-17,2	-17,2	1,0
Categorias de Uso				
Bens de Capital	8,4	-13,4	-13,3	12,0
Bens Intermediários	0,8	-20,4	-20,4	-0,8
Bens de Consumo	3,6	-13,7	-13,7	0,2
Duráveis	38,6	-30,9	-30,9	0,2
Semiduráveis e não Duráveis	-0,5	-8,3	-8,3	0,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

Fonte: Carta IEDI 353.

Trabalho – ocupação, horas e renda



Demissões na indústria de SP



- Pedidos batem Record em janeiro
- Pagamentos batem Record em fevereiro
- Bimestre jan-fev 09 / 08: aumento de 25%

- Queda dos salários - reajustes menores:
 - Em 2007: 87,7% entre 1 e 2% acima da inflação
 - Em 2008,: 77,6%, até 1% acima da inflação
 - E em 2009?

Recuperação do emprego?

QUINTA-FEIRA, 19 DE MARÇO DE 2009 | ECONOMIA | B3
O ESTADO DE S. PAULO

TRABALHO

Recuperação do emprego é dúvida para analistas

Criação de vagas vai crescer lentamente ou até recuar, mas não na intensidade do último trimestre de 2008

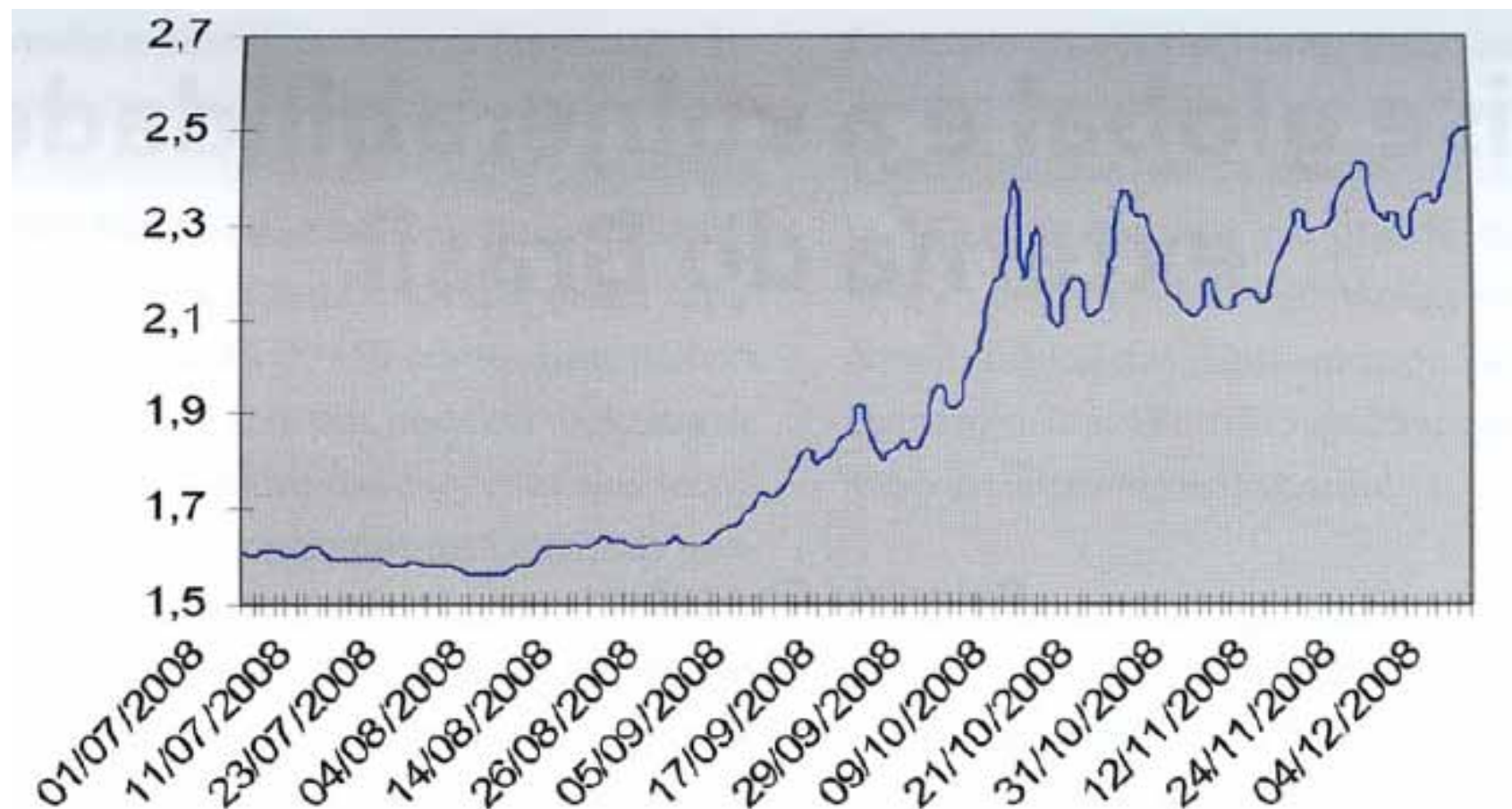


- Ênfase na estabilização (crescimento menor juros maiores)
- Beneficiado pelo boom das commodities
- Sem dívida externa
- Não está sob ameaça de crise cambial
- Nem de inflação ou, o que é pior, deflação
- Contas externas e internas ainda em ordem
- Políticas na direção correta – anúncio recente de grande investimento em habitação
- Espaço para redução de juros
- Desvalorização sem inflação - queda preço commodities

- Mas gastos equivocados
 - em custeio – pessoal, aposentadorias, assistência,
 - em vez de em investimentos, como na China

Planos de saúde

Mega desvalorização do Real- Jul-Dez 2008



Fonte: IPEADATA

Desvalorização cambial - efeitos

- Valorização do real até agosto.
- Desvalorização de 43% de agosto a outubro
- Déficit comercial de US\$ 5,5 bilhões
- Encarece custo de máquinas, produtos e serviços importados
- 40% dos medicamentos e insumos hospitalares são importados
 - Desvalorização afeta prestadores e operadoras

EUA - Desemprego e Gastos das Operadoras						
Item	1981-1982		1990-1991		2001-2002	
	de	para	de	para	de	para
% Aumento Desemprego	7,6%	9,7%	5,6%	6,8%	4,0%	5,8%
Aumento Gasto Operadoras	15,3%		8,9%		10,9%	
<i>% aumento do desemprego crise 2008: de 2,3% para 7,2%</i>						

- Na crise de 1980, os planos de saúde negociaram descontos com prestadores oferecendo maiores volumes
- Na crise de 1990, o Governo Clinton adotou medidas para conter custos da saúde
- Na de 2000, houve a transferência de parte dos custos aos consumidores através da co-participação

Atitudes diante da incerteza de emprego

- Consumidores antecipam gastos médicos e hospitalares, sobretudo se a crise inicia com férias coletivas ou pequenas demissões
- Prestadores procuram manter seu nível de renda com mais tempo de internação, mais exames e contas mais elevadas
- Clientes (empresas) querem renegociar contratos com redução de preço de seus planos de saúde
- Hospitais sentem redução do fluxo de pacientes
- Aumenta fluxo de pacientes sem condições de pagar

Impacto para os operadores

- Redução da base de clientes – 800 mil demissões, 4 milhões perderão seus planos
- Aumento da inadimplência
- Acirramento da concorrência
- Renegociação mais difícil
- Quebra de pequenas operadoras
- Maior utilização, sobretudo nos planos sem co-participação
- Prestadores de serviços buscando manter suas receitas aumentando tempo de internação, procedimentos e custos

Medidas de crise

Controlar o Sobre-Uso - desperdício

Acompanhar os Aumentos de Preço dos Prestadores

Manter Solidez Financeira e Mostrar aos Clientes

Controlar elegibilidade

Monitorar utilização - doenças e tratamentos que elevam custos

Melhorar auditoria das contas médicas

Negociar com prestadores

Redesenhar planos para promover a saúde

Prover incentivos para busca de prestadores de menor custo

Educar consumidor a consumir melhor cuidados médicos

José Cechin

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR

jcechin@iess.org.br

www.iess.org.br

55 11 3706.9747